

Regionalismo e internacionalismo

Resposta a José Dias Sancho

A única atitude lógica

Logo que sob um céu negro demandou a barra esse barco que levava, para a terra do exílio, os últimos deportados, os detentores do poder e seus lacaios debruçavam-se à janela das colunas dos jornais burgueses e gritavam ao país:

— Não mais haverá agitação em Lisboa! Não mais a ordem será perturbada! Os discólios, os criminosos, os legionários, todos esses espectros que alucinavam o tranqüilo sono da burguesia, foram para o degrêdo. Não os lastimeis! Portugal ficou agora depurado. Portugal vai ser agora um éden, um mar bonançoso onde podem navegar sem perigo todos os piratas da Finança, todos os expoliadores do suor humano. Em breve os degredados morrerão um a um sob a agrura do clima do exílio — e então o pesadelo terá passado completamente e o comércio e a indústria e a política podem tripudiar sem temor.

E ante os protestos de todos os homens que amam a liberdade, esses miseráveis afrontadores da própria democracia, de que se dizem escravos, gritaram ainda:

— Vereis se o nosso gesto não vai reconduzir Portugal ao caminho perdido da tranqüilidade! Não mais haverá mortos e até as espadas e as pistolas dos nossos lacaios poderão descansar muito tempo. Aguardai o fruto da nossa decisão e vereis que as portas do degrêdo, que abrimos violentamente, têm para o país um profundo sentido de ordem e trabalho.

E no próprio Parlamento, os negros covardes da Liberdade ousaram impudicamente afirmar que o país ia entrar em paz, pois desta os únicos perturbadores eram os desgraçados que marchavam para a proscricção, apenas por serem suspeitos à polícia.

E as «fôrças-vivas», os conservadores, os expoliadores, os traficantes, todos aqueles em homenagem a quem se cometeu a vil crueldade, rejubilaram e fingiram acreditar nas palavras desses políticos miseráveis, que eles subornam e manejam como a fantoches.

Mas não se passaram três meses sem que a agitação, o tumulto e os protestos volvessem às ruas de Lisboa. E não são vinte nem trinta os que protestam, os que fazem ruído, os que alteram a ordem. Agora são aos milhares — agora é toda a parte sã do país, são todos os que trabalham, todos os que são expoliados, todos os que não pactuam com a venalidade e a corrupção.

Por coerência, o poder agora devia deportar a todos estes novos perturbadores da digestão burguesa — isto é, deportar a todo o país, deixando apenas cá os traficantes, para que se devorassem mutuamente...

Assim é que era lógico...

F. DE C.

incertos, sem poder adivinhar de onde despostrará a traição. Não pode contar com outro recurso senão o da bravura que manifestou em Monsanto, e que obrigou ao recolhimento de tantas cumplicidades encadeadas desde o poder civil ao poder militar. Como nesse momento, as cumplicidades novamente se encadeiam, se combinam para um Monsanto mais vasto. Ninguém o sabia, ninguém o presentia; mas quem o denunciou foi esse tribunal que se ostentou cheio de lepra e de miséria, numa sala do Arsenal. E agora, ao povo fica a missão de mostrar que os ditadores só poderão vencer com o sacrifício do próprio sangue e que a opressão, se uma vez fôr estabelecida, não poderá ter uma hora de tranqüilidade, mas terá horas de horrível tragédia...

DIAS SANCHO PREZADO AMIGO:

RECEBI e agradeço a carta que V. me remeteu pelo «Correio do Sul». Não aproveito, porém, a mesma via para responder-lhe. Sei que no «Correio do Sul» não se extraviaria a minha carta, pois esse correio é o mais admirável de todos os correios do país e pessoas da minha estima são aquelas que lá presidem à distribuição da correspondência.

Mas eu não quero, à sombra do carinho que ali me dispensam, comprometer o «Correio do Sul», que é regionalista, fazendo circular nas malas de suas colunas meu epistolário internacionalista.

Por isso elegi, entre os periódicos em que colaboro, a este semanário — que a-pesar-de ser modesto é bastante alto para que desde a tribuna de suas páginas possamos ver o mundo, sem que os olhos encontrem a muralha das fronteiras.

Explicada assim a razão do sêlo vermelho que esta carta leva aposto em seu envelope, eu vou responder aos reparos que V. fez à minha crônica sobre Aquilino Ribeiro, crônica de que agora me orgulho, por ela ter tido o condão de despertar esses reparos do seu tam esclarecido e belo espírito.

Venho dizer-lhe, porém, que não tenho desejo de vencê-lo, com a espada da polémica. De todos os vencedores, os únicos que merecem a minha estima são os vencedores na arte — pois a vitória deles não significa a derrota de outrem.

E tam certo é que não o desejo vencer, que principio por afirmar a minha concordância com a maioria das ideas que V. brilhantemente expendeu em suas cartas.

O ponto essencial, o píncaro onde se podia decapitar ou glorificar o assunto, era — se no regionalismo há ou não há arte pura.

V. afirmou que *pode haver* — e eu concordo absolutamente.

Isso, porém, não me leva a aceitar o regionalismo como expressão recomendável da Literatura. Esta, quer seja para elites, quer seja para multidões, quer envolva em seus mantos de beleza a umas e a outras, não deve ter um sentido local, um sentido que só possa ser compreendido por aqueles que conheçam o cenário e as almas que o artista fixou.

A arte verdadeiramente digna de sua missão é aquela que pode ser sentida e compreendida por todas as raças, que pode fazer vibrar sensibilidades mui distantes e deslumbrar almas de todos os continentes.

A arte deve ser um sinónimo de beleza, uma geradora de beleza, a própria Beleza personificada. E essa beleza, para que seja verdadeiramente grande, eterna e útil, deve levar com o seu encantamento a varinha mágica que a possa fazer revelar aos olhos e às almas de todas as raças.

A essa arte, que pode ser sentida e amada por um húngaro ou por um chileno, por um argentino ou por um japonês, eu chamo, até encontrar termo mais próprio, arte internacional.

¿Crê V. que essa pequena obra-prima de Aquilino Ribeiro, que é «O Malhadinhas», por mais bem traduzida que seja, possa ser compreendida e sentida por um francês dos boulevards parisienses?

Evidentemente que a elasticidade que você dá ao regionalismo permite que dentro desta designação tenham lugar obras que não são regionalistas.

O regionalismo, sabe-o bem o seu espírito

culto, nasceu dum exagerado desejo de verdade, de verdade que vai até ao exagêro de copiar dialectos, corruptelas, expressões populares, por vezes sem beleza alguma.

O regionalismo nasceu duma costela do realismo e por este foi alimentado prodigamente.

As obras primas de antanho, aquelas que se enfileiraram nas estantes da Posteridade, mesmo aquelas que têm um profundo carácter local, nunca foram escritas sobre uma coezinha preocupação regionalista.

O próprio «Don Quijote», tam nacional, tam espanhol, está apto a ser compreendido e sentido por toda a humanidade. Localizasse, porém, Cervantes o seu cavaleiro de tam memorável triste figura, em Toboso, criasse para êle um drama apenas possível em Toboso, fizesse-o pronunciar um castelhano adulterado pelas gentes de Toboso — e essa personagem que hoje passeia por todo o mundo, não teria passado muito além da linha que limitava Toboso...

O mesmo acontece com as celebradas obras de Merimee, «Carmen» e «Colomba». ¿Regionalistas? Não.

Elas procuram, é certo (digo *procuram*, porque não tenho pelas duas novelas de Merimee a admiração que lhes tributam), dar um ambiente nacional, encerrando nos estojos da literatura a alma duma parte da Espanha e da Córsega. Mas todas essas almas têm muitas janelas por onde podem espreitar os olhos da humanidade.

Ali não se faz regionalismo. Ali procura-se desvendar ao mundo as almas e os costumes duma região, o que é diferente.

Regionalismo faz, por exemplo, em algumas das suas obras, o meu amigo espanhol Eugenio Noel. E a-pesar-da sua prosa hercúlea, vigorosa, a-pesar-da afinidade que existe entre nós e o povo vizinho, há páginas e figuras de Noel que não as compreendemos, que apenas as adivinhamos, e que por isso não as sentimos.

No regionalismo é quasi condição essencial ter para o jôgo de xadrez de palavras, pedras mui especiais. Em cada país, o mesmo idioma tem sempre duas facetas diferentes: — aquela que está em relações com outros idiomas e a que traduz apenas o sentido nacional da língua. Estas duas facetas estão bem marcadas em Eça e Fialho, que V. citou.

Eça, a-pesar-dos galicismos de que o acusam, escreveu em português. Em português também escreveu Fialho.

Todavia o primeiro escreveu num idioma com toda a tendência para internacionalizar-se, pela tradução.

O outro, com mais riqueza verbal, com mais opulência estilística, escreveu num idioma que só exala olor nacional, um idioma que está predestinado a não poder levar sua beleza além de Portugal.

Ao lermos Eça, temos a sensação de que a sua secretária estava erguida sobre uma cidade que se relacionava já com o mundo pela T. S. F. A secretária de Fialho, ao contrário, estava situada numa aldeia.

Agora mesmo acabo de ler «A vida errante», o novo volume póstumo de Fialho. Há um capítulo em que êle descreve a sociedade elegante lisboeta. Parece um provinciano a falar, junto às achas crepitantes da lareira, dum mundo que êle só conhece por essa admiração que ao campónio causam as coisas das grandes cidades.

O próprio Aquilino, a-pesar-da elasticidade

Deus

I

Motivo d'êste ensaio

que deu ao seu estilo em "As filhas de Babilónia", não nos revela Paris senão através dum paradoxal sabor campesino.

Nisto não há, evidentemente, da minha parte nenhum desdém pelos camponeses ou pelos provincianos, cuja vida, como V. sabe, eu invejo e cuja terra eu quisera para minha solitária moradia e panorama constante de meus olhos.

O que eu quero constatar é que a beleza assim apresentada, e especialmente a beleza verbal, é enormemente prejudicada em sua expansão.

Fialho, que não se pode chamar regionalista, Fialho, a quem eu chamo *nacionalista*, foi um prosador muito mais intenso e belo do que o próprio Eça — e todavia, por cultivar a faceta verdadeiramente nacional do idioma, não pode fazer vibrar sua arte muito além das fronteiras portuguesas.

Na própria Espanha, onde algumas obras de Fialho estão traduzidas, após quatro ou cinco admirações, o autor de "Os Gatos" é incompreendido e está olvidado.

O estilo dos regionalistas, que é condição principal nesse género literário — peso bem estas palavras — é também o maior óbice e por vezes o maior defeito do próprio regionalismo. Ele limita a beleza da expressão e surge pobre, quasi mendigo de encanto, quando vertido a outro idioma. E muitas vezes coloca na nossa frente as imutáveis carrancas da monotonia.

Ora, eu só defendo a beleza compreensível e sensível em todo o mundo. E fecundar essa beleza deve ser a máxima preocupação do artista. Não por egotismo. Não pelo mercantilismo das traduções. Não por vaidade ou por orgulho. Essa máxima preocupação deve ter sua origem no nobre desejo de que a arte seja verdadeiramente internacional, faça parte não duma nação mas sim da humanidade.

Dar à Literatura uma pátria, metê-la no casulo dum idioma, na certeza de que ela não se metamorfoseará noutro sem perder sua beleza verbal, é renegar o sentido internacionalista da nossa época, é não escutar a própria hora que o mundo vive — êste mundo cujas fronteiras estão laceradas pelos *rails* de muitos comboios, cujos mares são singrados por navios onde se aglomeram tôdas as raças e cujos firmamentos estremecem sob o estrépito nervoso dos aeroplanos que em poucas horas cobrem a meta de muitos países...

Esmorece a luz do dia. Já pairam trevas no meu gabinete — põlen que desce lentamente das corolas negras da noite. E todavia ieu estou apenas no intróito!

Outro dia farei passar ante si, com as salvas do estilo mas asteando uma flâmula rebelde, a flotilha das minhas considerações sobre regionalismo.

Abraça-o o seu muito amigo e admirador

FERREIRA DE CASTRO

... Livre dos preconceitos e dos interesses da sociedade burguesa, a educação futura depositará nas almas o germen de uma vida sexual mais digna e mais sã. Mas a educação do amor não será somente o efeito duma pedagogia nova. O amor tornado livre depurar-se-há, por assim dizer, a si mesmo, pela simples prática da vida social.

Da sociedade respeitosa do amor nascerá uma concepção nova do amor e de deferência por êste sentimento, como da sociedade respeitosa do trabalho resultará um entusiasmo e uma deferência pelo trabalho.

A união sexual será pouco a pouco considerada um altíssimo dever, uma cousa grave e importante que há-de ser tratada com muita ponderação.

Em desacordo com a dura avareza e o egoísmo terreal dos costumes sociais, o amor é considerado hoje uma excepção, um risco que se tem de gozar à pressa, e muitas vezes, clandestinamente, em particular. Assim considerado, não se olha à natureza d'êste sentimento. Aceita-se como se apresenta. Bastam a impulsão e o instinto. É um prazer e não um dever; um prazer em que se tem febre de morder; e como é difícil de alcançar, goza-se dêle o que se pode, isto é, as emoções superficiais, rápidas e passageiras, não a realidade íntima e profunda — CARLOS ALBERT

A propósito do serão de arte religiosa ultimamente realizado na Universidade Popular Portuguesa, suscitou-se discussão entre mim, vários amigos meus e algumas pessoas altamente cotadas no mundo da ciência, sobre a hipótese «Deus».

Como não tenho a bossa da discussão, além de carecer de elementos bastantes, eu pouco disse sobre o assunto; pareceu-me, não obstante, que a questão estava mal posta e que mais ou menos se confundia, involuntariamente, o princípio filosófico da Divindade com o conceito vulgar em que, geralmente, ela é tida; as especulações puramente científicas ou filosóficas com o simbolismo de qualquer ritual religioso; questões de razão pura com questões de puro sentimento.

Essa discussão, de resto, antolhou-se-me como ociosa e improdutivo, porquanto se realizava entre meia dúzia de pessoas que, tendo naturalmente convicções diversas, por vários fundamentos, não lograriam talvez — quasi certo — cada uma convencer o seu contraditor, tanto mais que, por vezes — não muitas, diga-se — a paixão aqueceu algum tanto as palavras e fez desviar as ideias do seu verdadeiro campo. Além disto, a discussão pareceu-me ainda ociosa porque o assunto, tratado pela forma por que foi ventilado, não aproveitava à massa que, entendendo eu, se não deve nunca pôr de parte.

Resolvi, portanto, fazer transitar o tema, que então nos ocupou, do ambiente quasi académico em que êle se encontrava, para o meio popular reputado embora de menos fino, menos culto, menos treinado (ou nada) nas transcendências da alta filosofia e das locubrações científicas, mas com iguais direitos a instruir-se, a saber, a compreender. E, tomando esta resolução, proponho-me dizer o que penso sobre êste assunto.

Fio-me, é claro, ao meter-me nesta aventura, no conhecido *audaces fortuna juvat*, dada a minha insuficiência nos vários ramos, que aprendi a estudar, do saber humano.

Mas êste caso de dizer, aos que me lerem — se alguns houver... — o que penso, afigura-se-me como um dever social; e, só porque o suponho assim, tento a sorte.

; Sorrir-me-há a fortuna?

É-me indiferente que sorria ou não, se se trata apenas do que, pessoalmente, isso possa interessar-me; não acontecendo o mesmo, se se tiver em vista o interesse colectivo.

Entro, pois, na matéria.

Deus, entidade antropomorfa — Espírito e Matéria — Deus e o mundo

Começarei, perguntando:

; Existe Deus?

Resposta:

Para os crentes, ; sim! Para os ateus, ; não! Isto é, algum tanto, discorrer à moda do sr. de La Pállice... (1) a-pesar-de que, em abôno da verdade e em resgate da memória do célebre capitão, é bom que se saiba que a ingenuidade d'êste senhor não é, quanto a mim, um facto averiguado... pois que a fama, que dele corre a tal respeito, deriva, segundo reza a história, não da sua ingenuidade (não sei se a tinha...) mas da dos seus soldados que, pretendendo homenagear a sua valentia na batalha em que morreu, lhe dedicaram uma canção, na qual, dois versos estragaram tudo... à fôrça de ingénuos, fazendo lembrar, quanto ao con-

(1) Não confundir com Lapalisse, terra...

ceito, o daquele *herói do critério* que proclamou com tôda a convicção que, *assim que viu o amigo morto, logo disse que não escapava...*

Mas, voltando ao assunto:

Quanto a mim, a ideia dum Deus pessoal, dum Deus antropomorfo, vem da tendência dualista do homem; tendência que — suponho não errar dizendo-o — vem, por sua vez, das eras ancestrais da ignorância humana.

O dualismo levou os homens a conceberem dois princípios: o «espírito» e a «matéria» — esta governada, dirigida por aquele e dele dependente; o «espírito» completamente livre, independente, eterno, podendo existir sem a «matéria»; a matéria sendo inerte em absoluto; o «espírito», pelo contrário, o princípio activo, dinâmico...

O homem, nas primeiras épocas em que a mentalidade começava a desabrochar, supondo que o ambiente era imóvel e vendo que a sua pessoa tinha a faculdade de se mexer; que, pela simples vontade dele, podia fazer mover um objecto inerte, quando notou que alguma cousa, em volta dele, se deslocava (as nuvens correndo na atmosfera, o sol, a lua atravessando o espaço, etc.), foi naturalmente levado a acreditar que êsses movimentos se efectuavam em virtude duma vontade semelhante à dele, mas muito amplificada.

A hipótese duma entidade oculta, misteriosa, dotada dos atributos do próprio homem aumentados em grau bastante para que essa entidade pudesse realizar cousas que êle se reconhecia impotente de fazer, satisfaz a princípio e geralmente (e ainda hoje satisfaz a uma grande maioria) a ânsia de explicação do Universo que o homem veio a sentir.

E assim, para êle, tôdas as transformações que observou na vida, os movimentos, as reacções químicas, o fenómeno tam impressionante das marés, o curso dos astros, a luz, o calor, a electricidade, etc., etc., tudo isso se effectua mercê dessa entidade de qualidades antropomorficas em altíssimo espoente, imutável, eterna, Deus, numa palavra.

Esta concepção, ao que parece, basta para contentar os crentes; e a filosofia dualista julga ter, por tal modo, decifrado (?) o X do Universo que, segundo ela, pode ser comparado a um maquinismo de relojoaria fabricado e posto em movimento, numa ocasião qualquer, pela alma eterna imutável do Universo; isto é: Deus. (?)

Deus é, portanto, uma espécie de relojeiro; e, assim como o relógio sem vida, inerte e passivo, não pode mover-se sem a intervenção do relojeiro que, por sua vontade, engendrou o maquinismo e lhe regulariza o movimento, assim também o Orbe não se moveria, as transformações não se dariam, se não fôsse a vontade dêsse ser antropomorfizado; dêsse engenheiro poderoso a quem chamam Deus.

JOSÉ CARLOS DE SOUSA

(2) Réponses — do padre Roux.

... A Família continuará existindo na sociedade futura em condições muito mais favoráveis ao culto elevado do amor quer no sentido afectivo, quer no sentido da beleza e robustecimento da raça e conservação da espécie. — A Vida social em comum com que sonham os avançados, será tambem muito mais social, fraternal e humana, que o que tem existido até hoje... Liberto do princípio nefasto da Autoridade e do pensamento iníquo do mando e da ordem imposta por um ou alguns indivíduos, o princípio da sociabilidade produzindo a ordem pela livre convenção, pela concórdia ou harmonia nos agrupamentos humanos, tornará possível a vida social em comum, não só para grupos de indivíduos deste ou daquele sexo ou idade, como para agrupamentos maiores ou menores de famílias, vivendo numa mesma habitação, como já hoje, pela imperiosa necessidade de habitar, está acontecendo, mas duma forma que se afasta muito do verdadeiro comunismo, isto é, duma fôrma indesejável para muita gente que preferiria morar em casa sua ou ocupar sósinha a casa que habita.

A vida social em comum, aliás duma fôrma *indesejável*, tem existido mais ou menos ao lado da vida em família... tambem muitas vezes, *indesejável*.

A vida nos quartéis, nos asilos, nos hospitais, nos recolhimentos ou conventos, não falando já nas prisões e colonias penais, que outra coisa será senão a vida em comum, fóra da Família? — ABILOS